ANO 9.º — Sexta-feira, 1 de Dezembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 450

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

1640-1916

A historia nacional recorda hoje uma das suas paginas mais gloriosas — a libertação da Patria!

Os jesuitas e a camarilha traidora, ao serviço de Castéla, acalentando os sonhos e as loucas aspirações do impetuoso e irrefletido rapazelho que o acaso levara ao trono—um *Kronprinze* daquela data—arrastaram além do rei a fina flôr de Portugal para os areiaes africanos onde pagaram com a vida o tremendo lance a que se aventuraram tão irrefletida e levianamente.

Esmagado o exercito português e com ele vitimado o seu chefe, sucede a D. Sebastião o cardeal D. Henrique, uma mumia que pouco tempo depois desaparecia com a independencia de Portugal.

Reinou Castéla, com a sua trindade de Filipes durante sessenta anos até que germinou no peito lusitano a ancia da Liberdade, o direito á emancipação de Portugal.

Soou a hora bemdita da redenção e um grupo de valentes, de patriotas decididos, solta o pregão da revolta, que ecoa por toda á parte e de toda a parte surgem adéptos—nobres e plebeus—que a mesma chama acalenta e o mesmo entusiasmo avigóra. Ha mães que são as proprias a armarem os filhos, lançando-os nas contingencias da luta!

Rapida e decisiva foi a contenda.

Hasteava-se de novo o pavilhão lusitano, que tantas vezes tremulára, vitorioso, em mil batalhas e Portugal é livre, emfim, do jugo estrangeiro!

Como em todos os tempos, alguns miseraveis afectam o seu entusiasmo pelos vencedores, ajudando-os até na punição de criminosos. Miguel de Vasconcélos paga com a vida a sua traição e as suas simpatias por o estrangeiro usurpador. Está redimida a patria de Camões para a qual ele antevia o perigo, com olhos de patriota.

Pois essa mesma Patria experimenta nesta hora de angustiosa atribulação, que a indiferença duns e a infamia de outros avoluma e agrava, a mesma necessidade de que os seus filhos ergam bem alto o grito de protesto contra os traidores, conscios do alcance dos seus crimes, assassinando com o maior cinismo a autonomia e a existencia de Portugal.

Enxutemos impiedosamente a cáfila de bandidos de todas as escolas e de todos os géneros que assaltaram o regimen, deformando-o, aviltando, comprometendo-o, e com ele a integridade da Patria e a nossa autonomia!

Enxutemos esses falsos republicanos de quem a desfaçatez corre parelhas com a criminosa tolerancia dos que os aceitam e engrandecem, deixando que desacreditem e envenenem o prestigio e a moralidade das instituições, que são, sem duvida, a propria existencia da Nação!

Enxutemos todos esses Migueis de Vasconcélos, que se aceitam por toda a parte, na pratica dos mesmos actos que foram em todos os tempos a vergonha duma sociedade!

Os revolucionarios de 1640 libertaram a Patria, escorraçando o estrangeiro.

Salvemo-la tambem agora, afugentando os proprios inimigos de casa — que são bem mais perigosos e infames que os inimigos estranhos e como tal conhecidos.

O aniversário de hoje merece ser bem ponderado por todos os espiritos que acima de tudo coloquem o amor e o engrandecimento da Patria.

O Parlamento

Abre ámanhã em conformidade com o expresso na Constituição da Republica. Boqueja-se, porêm, que as sessões serão limitadas, dependendo da discussão e aprovação do orçamento a sua maior ou menor duração.

Acostumado a tudo, claro que o povo português está tambem por tudo. Mas sempre é bom acentuar que muitos e importantes assuntos ha a tratar referentes á vida economica do país e que deviam merecer aos congressistas alguns cuidados, não vá o povo descrer por completo nos seus representantes e alhear-se, desiludido, de tudo quanto diga respeito aos interesses nacionaes.

Entendemos que hoje mais do que nunca é preciso trabalhar e trabalhar muito para que possâmos saír da camisa de onze váras em que estâmos metidos, de vizeira erguida. Além disso o problema complicadissimo das subsistencias tende cada vez a agravar-se mais, sendo necessario que o Congresso tambem lhe dedique especial atenção, caso se disponha a enveredar pelo unico caminho compativel com a situação—o caminho do trabalho produtivo que deve substituir a rectórica balôfa de que tanto se tem usado e abusado dentro das salas de S. Bento.

Estão os *paes da Patria* pelo ajusto? E' o que resta vêr, mesmo porque só assim se poderá apreciar devidamente os esforços de cada um, empregados em coisas que se reconheça serem de utilidade publica.

Films...

Empregos flutuantes

Do ultimo numero do *Povo de Agueda*:

«O sr. Francisco da Encarnação, de Aveiro, o democratico feliz dos *empregos flutuantes*, ainda continúa á frente dos seus quatro empregos e recebendo quatro ordenados por trabalhar quatro horas durante o dia.

O sr. Encarnação zangou-se por aqui verberarmos o proceder da autoridade que tão escandalosamente o apadrinhou nessa ocupação dos quatro lugares.

Não tem razão o sr. Encarnação porque democratico como é, deve conhecer que a acumulação de lugares é anti-republicano.

Não esteja o sr. Encarnação mal humorado comnosco porque afinal nós limitámo-nos apenas a fustigar quem auxilia o escandalo dos *empregos flutuantes* e nada mais.»

Com que então zangou-se, coléga? E agora?

Mais flutuações

E' um nunca acabar, louvado seja o senhor... governador civil.

Durante a tragica vida da comissão de subsistencias, teve esta o respectivo secretário, escolhido, como não podia deixar de ser, na manada dos monarquicos convertidos. Era o da que funcionava em Aveiro o sr. Acacio Rosa para a algibeira de quem *flutuavam* 25 escudos mensaes, além do seu ordenado de amanuense do govêrno civil. Essas comissões, porém, atenta a sua inutilidade, foram dissolvidas, mas o que se ignorava é que o secretário continuasse a usufruir o mesmo dinheiro por serviços numa comissão que já não existe. Isso é que nós ignorávamos, pelo menos, se informações que reputâmos fidedignas nos não trouxessem ao conhecimento a organisação da folha em que se acham incluidos os taes 25 escudos do ordenado *flutuante*.

Não comentâmos, por desnecessario. Registâmos apenas o facto que é simplesmente mais um... de que o publico deve tomar nota e sobretudo aqueles dos republicanos que, como nós, já mais supozeram que a tanto se desceria em materia de moralidade.

Isto vai...

Nos *mentideros* politicos insiste-se em que o snr. Freire de Andrade voltará muito brevemente a ser ministro, indo sobraçar uma das pastas de maior responsabilidade neste momento.

O snr. Freire de Andrade foi ha dias nomeado presidente da comissão de abastecimentos, com poderes tão amplos e descricionários, que fazem dele alguem com mais autoridade que tres ministros juntos. Logo é de presumir que ele não troque o seu logar atual por outro com bem menos interesse e bem mais banal. A não ser que o desvaire, como a tantos, a ambição de governar.

Se fôsse uma pessoa que nós sabemos não trocava...

Reunião politica

Estavamos á espera que o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* nos désse ontem conta da que teve logar no sabado, com a assistencia do *camaleão* mór da Vera-Cruz, do sr. governador civil, do delegado do Procurador da Republica na comarca, do homem dos *empregos flutuantes* e de alguns ingenuos republicanos que a ela compareceram embalados por maviosos cantos de sereia, mas que depreendemos do sepulcral silencio feito á roda das *impressões trocadas*, dos *assuntos de interesse politico* tratados entre os *graduados membros do partido* e de tudo o mais que lá se passou, concluimos nós e decerto essa deve ser a opinião geral, que o democratismo de Aveiro deu o que tinha a dar, não lhe valendo já nem os balões de oxigenio com que tentam prolongar-lhe a existencia.

Agora atiram-se ao Directorio como se o desgraçado, que ha muito deu alma ao creador, tivesse culpa dos desatinos que vão por esse país fóra!

São completos, escusam de ter duvidas.

Em preparativos

O *Diario Nacional*, folha monarquica que em Lisboa se publica sob a direcção do sr. Aires de Ornelas, logar tenente de *Sua Real Magestade D. Manuel II*, anuncia para bréve a inauguração da *pagina femenina*, que deve despertar interesse atento o fim que tem em vista.

Aviso aos amadores...

Desaparecimentos...

Noticiam jornaes da capital que outro dia *desapareceu* do quartel de infanteria 1 uma espada de honra de grande valor. Depois *desapareceu* tambem do governo civil uma carteira com 50$00 que fôra apreendida a uns gatunos e agora na repartição dos correios *desaparece* uma carta com tres contos e pico, estando a dar agua pela barba ás autoridades tantos *desaparecimentos*.

Como demonstração de progresso olhem que *isto* não póde ir melhor.

Pela imprensa

"O Povo de Basto,,

Completou o 6.º ano duma honrada existencia este digno confrade, que vê a luz da publicidade num dos mais formosos recantos do Minho em que temos ouvido falar com apreço — Celorico de Basto.

Fundado pelo dr. Antonio Rodrigues Salgado, atual governador civil de Ponta Delgada, cujo caracter e elevados dotes de espirito lhe grangearam a estima de todo um concelho, sem falar na que lhe tributam os muitos amigos de longe, como nós, *O Povo de Basto*, tem desassombradamente mantido na imprensa provinciana uma linha de conduta que assaz o nobilita, difundindo por essas longiquas terras do norte a bôa doutrina a que anda ligado o regimen republicano de que ha sido um estrenuo defensor e dos mais intransigentes baluartes. E' portanto crédor da nossa especial homenagem, a que não faltâmos, vindo no cumprimento dum dever saudar o prestimoso colega e associarmo-nos do intimo do coração aos merecidos encomios em que o nome do dr. Antonio Rodrigues Salgado é envolvido.

"Correspondencia da Covilhã,,

Recebemos a visita deste jornal do Partido Republicano Português, com o qual gostosamente vâmos estabelecer permuta, como nos péde.

Escola Normal

Comemorando a revolução de 1640 realisa-se hoje numa das salas deste estabelecimento de habilitação para o magisterio, inteligentemente dirigido pelo nosso velho amigo sr. José Casimiro da Silva, uma sessão solene em que devem usar da palavra vários alunos, proferindo discursos patrioticos alusivos ao grande feito que a historia aponta com legitimo orgulho da raça portuguêsa.

Para lamentar é que a sala onde costumam efectuar-se estas educativas solenidades não seja suficientemente espaçosa e de molde a dar franco acesso ao publico pelo especial interesse que lhe devem despertar.

A censura

Não chegou a tomar posse, ao que parece, a comissão de censura preventiva dos periodicos, ultimamente nomeada, visto que todos os seus membros pediram a sua imediata exoneração.

Por esse facto dizem-nos que foi á ultima hora, não sabemos por que bulas, arvorado em censor o sr. Francisco da Encarnação e

Mas como poderá este feliz *democratico* exercer ao mesmo tempo os logares de amanuense do governo civil, secretário da Estatistica, administrador do concelho, comissario de policia e agora o de censor da imprensa?

E como poderá estar esta sugeita ao arbitrio de quem nenhuns conhecimentos literarios possue, acrescida essa circunstancia com o que provêm da falta de autoridade em que incorre todo aquele que se locopleta duma maneira indigna á mêsa do orçamento?

O' sr. governador civil, ó sr. ministro do Interior: isto assim é que se não admite! E' um escarneo. E' uma afronta. E demonstra além de tudo que em Aveiro só existem republicanos para comer, nada fazendo senão por interesse, mediante bôas remunerações. O que aliaz não constitue novidade para ninguem.

Descalcem como quizerem a bota. Deem-lhe voltas. Mandem fazer censores á fabrica da Fonte Nova ou, doutro barro melhor, á fabrica da Vista Alegre. Mas livrem-nos da miseravel situação que nos impõem e dos vexames a que nos querem sugeitar.

Pelo divino amor de Deus —não nos obriguem nesta altura a despejar o saco...

Junta Geral

Sob a presidencia do sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas, secretariado pelos procuradores Manuel Lopes da Silva Guimarães e Agnelo A. Regala, reuniu, finalmente, no dia 25 findo em sessão plenária a Junta Geral do distrito, á qual compareceram mais os seguintes cidadãos que dela fazem parte: Augusto da Cunha Leitão, Carlos de Melo Vaz Pinto, Antonio Maria de Matos, dr. Antonio dos Sántos Sobreira, Manuel José de Oliveira Lopes, Alberto Homem Pinto da Costa Cabral, Manuel de Oliveira Costa, dr. Antonio de Pinho, João Campos da Silva Salgueiro, e a comissão executiva constituida pelos dr. Antonio Maria Marques da Costa, dr. Samuel Tavares Maia, Elisio Feio, Antonio Carlos Vidal e Arnaldo Ribeiro, faltando os restantes por motivo justificado.

Lida a acta da sessão anterior declarou *in continenti* o sr. Lopes Guimarães acompanhar na votação do requerimento do chefe de secretaría, Paulo Guimarães, o procurador Santos Sobreira, dizendo o sr. Costa Cabral que se estivesse presente á sessão em que se tratou da nomeação definitiva do mesmo sr. Paulo Guimarães para chefe de secretaría lhe teria dado o seu voto, o que desejava fôsse consignado. A acta é depois aprovada e assinada.

Procedeu-se em seguida á leitura do relatorio da Comissão Executiva sobre o qual falaram o presidente desta, dr. Marques da Costa e os procuradores dr. Antonio de Pinho e dr. Santos Sobreira, verberando ambos o procedimento de alguem que pretende envolver a Comissão Executiva num processo crime, sem base, pelo que propõem seja dado a esta amplos poderes para tratar no tribunal ou fóra dele da sua defêsa, reiterando-lhe por um voto de louvor toda a confiança que á Junta merece a mesma comissão pela maneira como tem desempenhado o seu mandato.

Relativamente ao subsidio que o govêrno dá á Junta para a alimentação e mais despêsas a fazer com o Asilo-Escola e que ele pretende eliminar do orçamento no proximo ano, conforme deu conhecimento, em oficio, á Comissão Executiva, resolveu conferir ao seu presidente, dr. Marques da Costa, os poderes bastantes para tratar pessoalmente, junto dos ministerios, de tudo quanto diga respeito ao caso, sendo pelo procurador de Albergaria, dr. Antonio de Pinho, apresentada a seguinte proposta:

Proponho que esta Junta Geral represente já perante o Ministro do Interior demonstrando o direito que tem ao produto do imposto de 21 p. c. na parte que se destina á sustentação do Asilo, empregando todos os meios, e já, no sentido, não só de ser restituida á Junta a parte com que o govêrno tem ficado ilegitimamente, mas ainda no de lhe ser pago anualmente toda a importancia que para o Asilo se destina e não a quantia minima de 13.285$57 que vem pagando.

Proponho ainda que se proteste contra a designação de *subsidio*, e sobre tudo de *precario* que o poder central dá áquele imposto que até agora tem entregado á Junta.

Posta á votação é aprovada, assim como o orçamento ordinario para o ano civil de 1917, este sem discussão.

Por proposta do sr. dr. Marques da Costa, resolveu tambem a Junta autorisar a Comissão Executiva a tratar pelas fórmas necessarias para o bom fim da questão, tudo quanto se relacione com a falta de material ferro-viário para o transporte do sal produzido nas salinas de Aveiro e que sáe pela estação do caminho de ferro desta cidade, o que bastante tem afectado e afecta essa industria local.

Todas as resoluções foram tomadas por unanimidade.

Notas mundanas

Já se encontra em Aveiro, o 1.º tenente da Armada, sr. Silverio da Rocha e Cunha a quem na segunda-feira foi conferida posse de adjunto da Capitanía do porto.

✤ *Para o Porto, onde passa a residir com sua esposa, partiu no principio da semana o sr. Humberto da Silva Luz, gerente do* Ervanario Aveirense, *que daqui em deante só abre aos domingos.*

✤ *Chegou á sua casa da Costa de Valado o sr. Tobias Biaia, cujo regresso de New-York noticiámos no mez passado.*

✤ *Deu á luz uma menina a esposa do sr. Antonio Coelho.*

✤ *Tem passado um tanto encomodada a mãe da sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.*

✤ *Com uma gentil tricaninha desta cidade, a menina Guilhermina da Silva Reis, irmã do sr. Augusto Duarte dos Reis, atualmente em Lourenço Marques, consorciou-se na segunda-feira o sr. Firmino Ferreira Gomes, cujo regresso de S. Tomé ha pouco noticiámos.*

Desejâmos ao ditoso par todas as venturas de que é digno.

✤ *Está em Matosinhos o sr. Antonio Augusto Fragateiro, considerado negociante de Ovar.*

✤ *Com pequena demora estiveram no sábado em Aveiro os srs. drs. Alberto Tavares, residente em Ovar e Augusto Amaral, de Macieira de Cambra.*

CARTA

—(*)—

Recebemos a que segue:

... *Sr. Director do semanário* "O Democrata,,

Havendo nesta terra um pulha, que alguns já alcunharam de *Dentinho* e outros de *Beiças*, que me atribuíu a paternidade dum escrito, publicado no seu periodico sob o titulo de *Grande Pandega*... e que vem assinado por *Quim & Necas*, peço-lhe declare aberta e terminantemente se sou eu o autor do referido escrito.

Eu devia colocar-me superior a estas miserias, proprias de terras pequenas; mas faço-o pela primeira e ultima vez, recorrendo, se suceder caso semilhante, a um chicóte para retalhar a focinheira ao patife ou patifes que voltem a envolver-me em barafundas, de que ando arredado ha bastante tempo. E eu, até hoje, ainda não faltei ao que prometo.

Muito obrigado se subscreve o

De V. etc.,

Aveiro, 27—11—916.

Renato Franco

Por ser essa a expressão da verdade, declaramos que o sr. Renato Franco nada tem com a prosa que *Quim & Necas* assina visto não lhe pertencer esse pseudonimo. De resto nem só o sr. Renato Franco escreve e conhece a crónica dos que *levantam niveis*...

UMA FITA

—(*)—

O sr. dr. Eduardo Silva tem ao seu serviço um indigena natural de Albergaria-a-Velha, pobre pacovio empregado no tratamento e mais cuidados que exige o quintal pertencente á casa de residencia daquele nosso amigo.

Numa destas ultimas noites, frias e açoutadas pelo cortante nordeste que nos tem impiedosamente fustigado, foi ordenado ao moço que fosse lançar na caixa do correio geral a correspondencia a fim de seguir o seu destino.

Alguem de casa, apiedado com o diminuto vestuario do pobre homem, aconselhou-o a que aproveitasse o conforto dum capote de uso militar que lá existia. Assim se fez e o alonso desta novela envergou o belo agasalho, que a providencia, representada pela sopeira, miraculosamente lhe apresentava. Chegado o protogonista em questão ao correio, uns soldados que ali estavam comprando estampilhas, ao vê-lo entrar para o mesmo fim, perfilam-se e fazem a continencia, embora notem a diferença do fardamento no seu conjunto.

Nesta altura entra na repartição o sr. alferes Prazeres, seguido de alguns sargentos e averiguando dá identidade daquele novo oficial, obriga-o a despir o capote, prende-o e leva-o para a esquadra, até se deslindar bem o caso.

O pobre palerma levava vestido nada mais nada menos que um capote com as divisas de capitão de infanteria, emquanto tinha na cabeça, enterrado até ás orelhas, um formidavel carapuço!

Lá passou a noite onde não esperava, rapando um frio diabalico até que no dia seguinte o patrão o foi libertar, explicando o acontecido.

Que dizem? E' um belo argumento para uma explendida *fita* pois não é?

O "DESERTAS,,

Sem que tivesse sofrido qualquer alteração desde o seu encalhe a esta data, lá continua imovel, apezar do embate das vagas, que contra ele investem furiosamente na praia-mar, o grande monstro de ferro que os ultimos temporaes trouxeram até ao sul da Costa Nova, onde naufragou.

Por deante dele e com o unico fim de o admirarem, já teem passado até hoje alguns milhares de pessoas, vindas parte delas de concelhos distantes, como tivémos ocasião de observar no domingo, em que se fez uma verdadeira romaria para junto do magnifico barço, cujas esperanças de salvamento se radicam no espirito não só da tripulação como tambem no dos peritos que o examinaram.

Apezar das escadas que dão acesso ao seu interior não serem das mais comodas nem das mais faceis de transpôr, sempre nos abalançámos a subi-las com o fito de percorrermos as dependencias da soberba embarcação, algumas delas luxuosas e confortaveis, como poucas vezes se observa nos navios mercantes.

Dessa visita minuciosa e sobretudo do panorama que nos foi dado divisar da ponte do *Desertas*, conservamos, é claro, perduravel lembrança, que a gentilêsa do seu comandante, sr. José Guerreiro Jorge e dos srs. José Domingos da Rosa, Antonio Gomes Ferreira e Belmiro Fernandes Moraes, respectivamente imediato, 1.º maquinista e 2.º piloto, indicando-nos tudo quanto acharam digno de contemplarmos, ainda mais aviva, tantos foram os imprevistos, tantas as sensações experimentadas.

A tripulação continua toda a bordo, aguardando ordens, mas consta-nos que sem recursos pecuniarios pelo que já se dirigiu ao Instituto de Socorros a Naufragos a pedir auxilie.

Novo solicitador

Foi recentemente nomeado solicitador desta comarca o sr. Joaquim Fernandes Martins, que abriu o seu escritorio na Rua de José Estevam, n.º 25.

O Castélo da Feira

—(*)—

Resposta ao sr. dr. Aguiar Cardoso

Meu caro Arnaldo

Lamentando ter de pedir-lhe um pouco ainda do precioso espaço do seu estimado jornal para uma questão que desde o ultimo artigo do sr. dr. Aguiar Cardoso, começa a perder interesse, espero dever-lhe a finêsa da inserção da seguinte carta, que será a ultima se o meu ilustre polemista não arripiar o caminho por onde parece querer enveredar: o da falta de... serenidade, chamar-lhe-hei assim.

Ex.mo sr. dr. Aguiar Cardoso

E' com certa contrariedade que respondo á ultima carta de V. Ex.ª no *Democrata*, carta em que passa do humorismo latente da anterior, ao azedume grosseiro da presente.

A questão irrita-se e é V. Ex.ª quem a irrita; disso lhe deixo inteira responsabilidade.

Desde este momento a questão perde de interesse e tudo quanto dela podesse saír em beneficio do monumento de que V. Ex.ª é um dos conservadores, perde-se na desvirtuação duma discussão de interesse artistico, historico e patriotico, numa questão pessoal em que V. Ex.ª pretende transforma-la.

Em tais termos e em tal campo a polemica alija todo o interesse que começou a despertar e torna-se antipatica.

De tal antipatia cabe-lhe ainda exclusiva responsabilidade.

Desde o meu primeiro artigo que procurei salientar que me não guiava qualquer intenção desprimorosa para com pessoas que nem sequer conhecia: «*não tenho para esta—comissão—o menor motivo de antipatia, e, pelo contrario, sei que um dos seus membros, cujo nome me não ocorre, tem verdadeira adoração por essas venerandas ruinas...*»

«*Julgo ainda que o plano de obras... deve pertencer á comissão de monumentos...*» dizia eu no mesmo artigo, irresponsabilisando logo a comissão da Feira, que eu julguei e apontei apenas como executora de um plano superiormente indicado.

Mas ainda, para mais acentuar os meus intuitos e evitar uma erra da interpretação que podesse induzir a comissão da Feira a vêr no meu artigo uma agressão grosseira da minha parte, dirigi-lhe o meu oficio de 29 do mez passado que V. Ex.ª em ambas as suas cartas classifica de atencioso.

Parece, portanto, que desde esse momento a comissão do Castélo, ou antes, V. Ex.ª, não devia pretender vêr uma agressão, onde declarei que ela não existia e onde V. Ex.ª tão irreflectidamente insiste em procura-la.

Os amigos do Castélo da Feira não se esporiam como V. Ex.ª o está fazendo.

Passo, porêm, a abordar a carta de V. Ex.ª, frizando desde já:

primo, que V. Ex.ª mal toca na minha carta de 12 do corrente, inserta no *Democrata* n.º 448, fugindo assim á discussão no campo digno em que lha coloco;

secundo, que fugindo assim ao assunto debatido para uma questão puramente pessoal, sem merecimento nem interesse, V. Ex.ª abandona as normas de correcção e nobreza que sempre devem revestir tais discussões para atingir mesmo a indelicadeza e a grosseria;

tertio, que a situação desgraçada que me atribue, a confessa implicitamente no seu artigo da sua parte, com a irritabilidade provocante de que vem repassado, pois só a impossibilidade de responder precisa, concreta e cabalmente ás minhas afirmações a pódem ter determinado.

Posto isto, transcrevo:

«O sr. Beça é um reincidente. Como tal carece de ser tratado.»

Concluo desta altiva afirmação que V. Ex.ª se arvora em juiz dos seus proprios actos, como membro da comissão de conservação!

Mas... perdão!

O juiz sou eu. O juiz dos actos da comissão é o publico; é este que lhe pedirá contas da fórma como desempenhou o seu mandato.

Como membro, pois, educado, sr. dr. Aguiar Cardoso—*educado*—desse publico, não declino o direito, que as proprias leis gerais do país me conferem, de apreciar independentemente os actos dessa comissão, aliás, de caracter publico.

Se ha castigo é para quem não sabe cumprir com o seu dever e não para quem aponta uma falta, e a correcção vou aplicar-lha agora.

Estranhei no meu primeiro artigo a construção de muros de «pedra miúda argamassada, onde deviam existir os blocos de granito dos bastiões derruídos» e até «cravados a vidros de garrafa na parte superior.»

Acrescentei que, a continuar assim a substituição, o Castélo seria dentro em pouco uma especie de abegoaria de aldeia.

Na sua primeira carta vem V. Ex.ª ilucidar-me que a obra era provisoria por falta de recursos.

Concordei e concluí na minha de 12:

«Bem haja a comissão que deitou... o remendo, salvando o Castélo.»

Foi esta expressão—remendo—que feriu as susceptibilidades de V. Ex.ª?

Se a obra é provisoria...

E se o é, como quer V. Ex.ª que o visitante o adivinhe?

A não ser que V. Ex.ª entenda que o *touriste* que vai pela primeira vez ao Castélo, de algumas leguas, ou dezenas de leguas de distancia, deva, pelas obras á vista, concluir logo que a comissão de conservação é constituida de homens cheios do mais categorisado senso comum, com um curso superior, todos respeitaveis, ocupando cargos publicos, etc.

E se fôsse definitiva a obra feita—o que o visitante ignora—por que não encontra lá um distico a indicar-lhe a dóse de senso comum que categorisa a comissão... era ou não «o indicio da mais completa falta de senso artistico, de criterio reconstituitivo da verdadeira historia?!

Não sei se V. Ex.ª conhece o caso de uma junta de paroquia duma viloria do Algarve ter mandado pintar a vermelhão uma capela historica, estilo ogival, negra do tempo e dos seculos, cuja existencia se ligava com a estada ali do infante D. Henrique.

Porque não manda V. Ex.ª pôr lá uma lapide afirmando que o criterio da comissão da Feira não é o da junta algarvia?

E' provisoria a obra, disse, e portanto, depois da declaração de V. Ex.ª, achei-a inteiramente justificavel, util e bôa.

Apesar, porêm, da minha concordancia, V. Ex.ª vem agredir-me brutalmente na sua ultima carta.

Ora, visto que V. Ex.ª pretendeu arvorar-se em juiz, reclamo para mim o mesmo direito e pergunto:

E' provisorio tambem o matagal de cardos, tojos, espinheiros, etc., que se ostenta junto á muralha sul, impedindo completamente o acesso á respectiva platafórma?

E' provisorio tambem o pedregulho que entulha a galeria de comunicação para o exterior, pela porta aberta na mesma muralha e que se encontra meio subterrada?

E' provisoria tambem a herva, que nalguns pontos atinge mais de um metro de altura, a ponto de interceptar a prespectiva ao visitante, herva que nalguns sitios eu tive de mandar cortar por um rapaz que me acompanhava, para poder colher alguns dos documentos graficos que de lá trouxe?

E' provisorio tambem o monturo de detrictos... humanos que se

encontra ao fundo da galeria que comunica a esplanada superior com o chamado *pateo da traição?*

E aqueles festões de tôjo, heras e silvas que pendem de toda a parte, desde o alto da torre de menagem ás ruinas do paço dos condes da Feira, tudo isso é provisorio, Ex.^mo Sr.?

Quem fála ou escreve com a arrogancia do ilustre secretário da comissão da Vila da Feira, é porque não téme justificar estas... medidas de conservação, que representam o dispendio de alguns magros tostões apenas.

E o publico que visita o Castélo tem o direito de saber, tem o direito de perguntar, tem o direito de querer conhecer as medidas que a comissão adopta para a conservação de um monumento que é antes que tudo um monumento do país.

Capitulou-me V. Ex.ª de critico leviano e falta de senso. Se o estado de aceio normal do Castélo é aquele em que o encontrei, capitúlo eu V. Ex.ª de negligente no desempenho do mandato que lhe conferiram e se os recursos da comissão não chegam nem para limpeza, ofereço-lhe os salarios duma semana para um operario que vá roçar o mato que lá encontrei, a herva que por toda a parte cresce, o entulho que em muitos pontos vi.

Eu não posso estar a tomar muito espaço ao *Democrata* que tão amavelmente nos tem cedido lugar nas colunas do seu reduzido espaço, e a carta de V. Ex.ª tem pouco a que eu deva ou tenha que responder; ela trata quasi exclusivamente da minha modestissima pessoa e eu de mim não me ocupo e não uso retribuir na mesma moéda os termos mais ou menos grosseiros e incorrectos com que pretendam atingir-me.

As mais acesas pugnas pódem travar-se sem a necessidade de recorrer a expressões que brilham pouco pela propriedade, pela delicadeza, pelo sentimento, pelo cavalheirismo enfim, mórmente da parte de quem espontaneamente se confessa portador de um curso superior.

Não tome V. Ex.ª isto á conta de lição de civilidade, se é certo que, como professor, me pertence o papel, mas apenas como a indicação de que não estou disposto a seguir-lhe as pisadas no caminho para onde tenta arrastar esta discussão.

E, porque eu não emprego na minha resposta expressões a afinarem pelo diapasão da sua carta, não venha dizer... que lhe peço misericordia.

E' que eu, quando tenho de espadeirar alguem, costumo faze-lo como esgrimista e não como caceteiro.

Tenho, porêm, de levantar uma outra fráse da sua carta:

... *Chega ao Castélo o sr. Beça, professor de comercio no Porto, censura*... as mesmas obras que arqueologos, arquitectos, altos artistas elogiaram.

Mais abaixo salienta V. Ex.ª *a sua carta de curso superior*, e adiante ainda insiste:

O sr... Beça... do alto da sua catedra de professor de comercio...

Na sua carta anterior não aludiu V. Ex.ª á minha qualidade de professor de comercio; fá-lo agora, ao mesmo tempo que me aponta para o seu curso superior...

Eu fico neste momento sem bem saber onde chega a elevação do seu espirito; mas vou socegar-lhe os pruridos de fidalguia do talento: o adversario de V. Ex.ª nesta questão que o secretário da Comissão do Castélo tão mal aproveita para interesse deste, tem dois cursos superiores para opôr ao de V. Ex.ª e tambem a néve já lhe branqueja nos beirais da cabeleira.

Andou talvez pelos mesmos liceus e universidades que V. Ex.ª andou.

Mais compostura, pois, sr. dr. Aguiar Cardoso; julgo que discuto com um medico não só portador da carta de curso, mas da... de civilidade.

Quanto a fotografias... não fuja V. Ex.ª com habilidades ao assunto, por que eu agrilhô-o a ele e não lhe deixo lançar mão de tangentes e sofismas.

Disse claro no meu primeiro artigo: «fotografo que tão pouco viu na curiosissima obra». Sustento integralmente o que escrevi.

Que tem o fotografo com a execução tecnica dos postaes?

A fotografia, técnicamente — V. Ex.ª sabe o que quer dizer técnicamente? Perdôe-me se o contundo, mas tem de ser assim: — póde estar uma maravilha de execução, o trabalho artistico do laboratorio superior, e a passagem á gravura ser miseravel.

Que tem o fotografo com isso?

No meu segundo artigo escrevi: «E quando falei do assunto não falei da execução tecnica». Do fotografo, está claro.

Confirmo, corroboro e ractifico, sr. dr. o que escrevi.

O fotografo não viu ou não poude vêr aspectos curiosissimos que é preciso divulgar para chamar visitantes ao Castélo, pois só pela torre de menagem, unica parte mais conhecida, poucos lá vão. O trabalho tecnico deste na preparação do cliché e do positivo, mesmo sem os vêr, afirmarei que devem ser perfeitos, mas afirmo tambem que os postais—os postais, entende bem V. Ex.ª?—são duma execução pauperrima, mal executados e pior pintalgados.

O snr. Beça, portanto, não se contradiz -ele ignora mesmo se os motivos reproduzidos pelo fotografo habilissimo que é o snr. J. de Freitas o foram sob indicação de V. Ex.ª—V. Ex.ª é que usa de uma deslealdade de argumentação absolutamente impropria da sua categoria social, procurando contradições que não existem, torcendo afirmações, desvirtuando fórmas, lançando finalmente mão de meios que eu recuso empregar nas minhas discussões.

Permita-me que finalise lamentando não ter sabido a tempo que V. Ex.ª era tão sensivel aos elogios da sua obra, cuja falta da minha parte já duas vezes me fez sentir, para poder tecer-lhos com o maior rasgo e sinceridade e que finalise, declarando que darei por terminada a discussão que V. Ex.ª arrastou para tão inglorio campo, desde que por parte de V. Ex.ª ela continue nos termos—indignos de creaturas com cursos superiores—em que a colocou.

Com a maior consideração subscrevo-me

De V. Ex.ª

mt.º at.º venerador

Humberto Beça

Releve-me, meu amigo, abusar de tal fórma da sua condescendencia e amabilidade, mas prometo-lhe não voltar a massa-lo para desperdiçar tempo e espaço em questões pessoais que a ninguem interessam.

Tratando-se do Castélo da Feira, assunto que interessa não só ao distrito mas ao país, consinta-me que lhe mande copia da correspondencia trocada com a comissão do Castélo para que os seus leitores avaliem com segurança da orientação desta questão.

Creia-me

Seu am.º etc.,

Humberto Beça

Batendo palmas

O *Badaméco*, não sabemos se de tóga vestida se sem ela, assopra aos quatro ventos no *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, que Barbosa de Magalhães substituiu o falecido Marnoco, como arbitro, por parte do Estado, na questão das partilhas do lucros entre ele e a Companhia dos Tabacos e que por isso não faltará quem chame *pardo* ao ministro das finanças.

Lamentando em primeiro logar e comnosco muita gente, o desréspeito á memoria do grande cidadão e prodigioso talento que foi Marnoco e Souza, vemos que o remoque é comnosco e percebemos que o pastelão esfrega as mãos como se a piada lhe trouxesse um ramo de louros e nos impozesse a absoluta impossibilidade de lhe retorquir, entupindo-nos emfim.

Tal não sucede. O facto em si não tem a menor importancia. Ele traduz e significa apenas mais uma prova dessa aproximação que é a mais vergonhosa mancebia politica do sr. Afonso Costa, já salientada, triste e impropriamente aqui, mesmo entre nós, em mais dum acto. Bastará lembrar-nos da intervenção do sr. Afonso Costa a pedido de Barbosa de Magalhães, quando o Congresso partidario, numa das suas sessões, ia votar a expulsão dum reles bandalhete politico da sala, que, com a maior disfaçatez e impudor, lá se apresentou feito republicano!

O sr. Afonso Costa cobriu com o seu pedido essa vergonha e rogou á assembleia que não insistisse no seu proposito.

Essa atitude tão impropria e descabida no chefe do democratismo e na pessoa a quem menos pertencia pelas suas responsabilidades e situação, calou fundo no auditorio que, constrangido, respondeu com significativo silencio ás palavras de Afonso Costa a quem, desgraçadamente, já tinham forçado a percorrer a cidade no carro de um seu correligionario, autentico *escroc*, que todo o distrito conhece.

O sr. Afonso Costa a tudo isto se submeteu, voluntaria e não sabemos se até enternecidamente!

Que nos admira que ele agora se lembrasse do *leal correligionario* para uma nova prova de amizade?

A Republica deu nisto. Constituiu-se em bando onde não médra o honesto. Os bandalhos, os hipocritas, os barriguistas, esses sim, esses tem éco nas camadas superiores, junto aos deuses, que se não recordam, como a todos sucede em igualdade de circunstancias, que num momento se derruba e cáe o pedestal onde pousam omnipotentes e desvairados. Pois infelizmente a Republica está assim. Aos limpos, aos honestos e aos republicanos, que, revelando a soberania da sua envergadura, não transigem com actos nem com pessoas e cousas que enxovalhem o prestigio e a moralidade do seu ideal, ela bate-lhe com as portas na cara; aos meliantes, aos transfugas, corridos de todos os partidos, sujos em todas as tranquibernias desde o *conto do vigario* á mais réles intrujisse, ela abre-lhe os braços!

Ela, não — digâmos em abono da verdade — o snr. Afonso Costa e... outros.

O crime de S. Bernardo

O tribunal da Relação do Porto, na sua sessão de 21 do mez findo e por acordão dessa data, alterou, para menos, a pena em que foram condenados no tribunal desta comarca, em julho ultimo, os réus Antonio Ferreira Balcão e Primo Cós, acusados de, na noite dum arraial, haverem assassinado voluntariamente e compremeditação Antonio Pincarinho.

E' o epilogo dessa triste ocorrencia que tanto emocionou o pacato povo do visinho logar.

Juri comercial

Tendo-se procedido na sala das audiencias ao sorteio deste juri para 1917, dâmos a seguir os nomes dos que dele ficam fazendo parte em cada semestre:

1.ª Pauta

Domingos Pereira Guimarães, Domingos José dos Santos Leite, José Gonçalves Gamelas, Livio da Silva Salgueiro, Artur da Rocha Trindade, Manuel Maria Moreira, Albano da Costa Pereira, Manuel Lopes da Silva Guimarães, Francisco Migueis Picado, Francisco Pinto de Almeida, Domingos Martins Vilaça, Manuel Barreiros de Macêdo, Antéro de Almeida, João Vieira da Cunha, José Augusto Ferreira, Joaquim Ferreira Felix, Antonio Vilar, Francisco Antonio de Meireles, Bernardo de Sousa Torres, Antonio da Cunha Coelho e João Pereira Campos.

2.ª Pauta

Joaquim Dias Abrantes, João Pinto de Miranda, Francisco Casimiro da Silva, Albino Pinto de Miranda, José da Fonseca Prat, Ricardo Pereira Campos, Francisco Venturá, Jaime da Cunha Coelho, Antonio Henrique Maximo Junior, Antonio da Maia, Manuel Rodrigues da Paula Graça, João Campos da Silva Salgueiro, Antonio Alves Videira, Henrique Norberto de Brito, Antonio Maria Ferreira, Pompeu da Costa Pereira, João José Trindade, Alfredo Osorio, Domingos João dos Reis Junior, Eduardo Pinho das Neves e Carlos Migueis Picado.

ANIVERSARIO

A Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes festejou na terça-feira o 8.º ano da sua fundação, indo á noite cumprimentá-la a banda José Estevam que executou dentro do quartel alguns trechos de musica.

Os grandes vôos

A' casa da eira do snr. conego José Maio, em S. Bernardo, foi ter na quinta-feira da semana passada um passaro do tamanho de uma pomba, bico semilhante ao do milhafre e rabo comprido, que trazia presa na perna uma anilha com os seguintes dizeres: *Vogel Warte Roseenvitt E 28.320, Germania.*

Roseenvitt é um posto de observação na Alemanha, tendo, como se deixa vêr, o passaro percorrido toda essa enorme distancia que o separa da casa do sr. conego Maio, sem que lhe sucedesse qualquer precalço na viagem, não obstante os ares andarem turvos como o diabo.

Merece ser bem tratado já que se abalançou a vir de tão longe visitar um representante de Deus na terra.

A quem pertence?

No *restaurant* da Antoninha Sacramento, na Costa Nova, está depositado um par de punhos, com botões, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Ficou na sala de jantar, devendo o seu dono ser algum dos cavalheiros que domingo ali estiveram comendo.

CRUZ VERMELHA

Continuam os exercicios para enfermeiros e maqueiros no quartel de cavalaria 8, tendo sido ultimamente propostos para socios do corpo activo da delegação em Aveiro os srs. Luiz da Naia Fortes, Lino Ferreira de Andrade e Manuel Felismino e Albuquerque.

Durante a semana finda e na que decorre, até hoje, foram feitos no posto vários curativos.

FEIRAS

Estivéram muito concorridas as dos 13, na Vista-Alegre, 21 na Oliveirinha, 28 em Aveiro e 29 na Palhaça, todas realisadas no mez findo.

Fizeram-se muitas e importantes transações, principalmente em suinos, cuja carne corre no mercado entre cinco e seis escudos a arroba.

Os maiores sevados que apareceram foram adquiridos por negociantes desta cidade que déram por eles quantias superiores a cem escudos.

DESASTRES

No apeadeiro de Salreu, entre as estações desta cidade e Estarreja, foi colhido pelo comboio quando se apeava com ele em andamento, o soldado de infanteria 24 Antonio Fernandes, que teve morte instantanea.

* * *

Na ria da Costa Nova voltou-se tambem um barco carregado de moliço, correndo gráve risco de perecerem afogados dois homens que o tripulavam, naturaes da Murtosa.

Acudiu-lhes a tempo Emilio Soares Margaminho, que já por ocasião do naufragio do *Desertas* havia prestado relevantes serviços, não havendo por isso a lamentar senão os prejuizos materiaes, que felizmente não são avultados.

NECROLOGÍA

Num quarto particular do hospital desta cidade faleceu no sábado de tarde vitimado por antigos padecimentos que o fizeram sofrer horrivelmente nos ultimos tempos, o sr. João Evangelista da Costa Pereira, irmão dos srs. Tobias, José, Julio e Albano da Costa Pereira.

Contava o extinto 55 anos, tendo passado a maior parte deles em trabalhos maritimos a que se dedicou desde muito novo. Ultimamente estava empregado numa companha de pesca, na Costa Nova,

como escrivão, onde gosava de geraes simpatias.

* * *

Tambem do Porto chegou na quarta-feira a triste nova, em despacho telegrafico, de ter ali sucumbido aos efeitos duma melindrosa operação, o nosso conterraneo, sr. Serafim Rodrigues Pereira, continuo das escolas primárias.

Era um bom homem a que não faltavam apreciaveis qualidades de caracter sendo por esse facto a noticia do seu passamento recebida com pezar no seio dos seus amigos.

Era pae do sr. João Serafim e sogro do sr. Baptista Moreira, com estabelecimento de mercearia na Rua Direita.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêsames.

Raid aereo

Por comunicação recebida de origem autorisada, sômos informados de que no proximo *raid* militar de aviões que muito brevemente se realisará entre Lisboa e Porto, foi esta cidade escolhida para uma das suas *étapes*.

Terá a população de Aveiro ensejo de apreciar um espetaculo inteiramente novo, que por certo despertará geral interesse.

Desconhecemos por emquanto o ponto escolhido para a *aterissage*, assim como o dia em que se levará a efeito o anunciado vôo.

Anuncios

Estabelecimento

Passa-se, por o seu dono o não poder administrar, o que na Costa Nova possue Cipriano Mendes, sem contestação o mais antigo e afreguezado daquela praia.

Pela sua situação e comodos o mesmo *palheiro* tambem póde servir para hotel, devendo os pretendentes dirigir-se ao proprietario com quem directamente deve ser tratado o negocio.

Santuario

VENDE-SE um santuario, estilo manuelino, verdadeira obra de arte, que se acha exposto no Museu Regional de Aveiro, onde póde ser visto.

Trata-se com Sisnando Maia —GUARDA.

ARREMATAÇÃO

(2.ª publicação)

NO dia 3 de dezembro proximo futuro, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução hipotecaria requerida neste juizo pelo exequente Joaquim Sisnando Maia, tambem conhecido por Sisnando Maia, casado, empregado publico, de Aveiro, mas actualmente residente na Guarda, contra o executado João Marques da Graça Valente, solteiro, maior, lavrador, morador em Azurva, freguezia de Esgueira, vae pela segunda vez á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer sobre metade da sua avaliação, o seguinte predio pertencente e penhorado ao executado:

Um predio que se compõe dum assento de casas terreas com seu aido e mais pertenças, sito no logar de Azurva, freguezia de Santo André d'Esgueira, avaliada na quantia de trezentos e trinta escudos e vae á praça por cento e sessenta e cinco escudos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 25 de novembro de 1916.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Christo.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Estudantes

Em casa respeitavel, bem situada e higienica, com magnificos compartimentos e explendido quintal, proxima do liceu e Escola Normal, aceitam-se estudantes que serão tratados com o maximo carinho e cuidado.

Para mais informações, Rua Direita, n.º 23—Aveiro.

CAMARA MUNICIPAL DE OVAR

Concurso

A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Ovar faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação no *Diário do Governo* para provimento de um logar de zelador municipal creado por deliberação da Câmara de 6 de Novembro de 1914, com as atribuições constantes dessa deliberação, com o vencimento anual de 144$00, pago em duodecimos.

Os concorrentes deverão apresentar durante o referido praso, na secretaría da Câmara os seus requerimentos instruidos em conformidade do decreto de 24 de Dezembro de 1892.

Ovar, 15 de Novembro de 1916.

O Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Valente de Almeida

Exames de admissão ás Escolas Normais

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.

R. dos Tavares, n.º 1.

Empregado comercial

Precisa-se de um empregado para escriptorio, com o ordenado mensal de 15$00. Exigem-se bôas referencias e deve saber alguma cousa de escrituração comercial.

Prefere-se quem tenha mais de 30 anos. Carta a esta redacção com as iniciaes

J. F. N.

EXAMES DE ADMISSÃO

Lecionações por Maria de Melo e Costa, Norbinda de Melo e Costa e José Teixeira da Costa.